

O EVANGELHO DE
MARIA
MADALENA

A VERDADE E A LENDA SOBRE MARIA MADALENA:
UM RESGATE DA SUA HISTÓRIA.

*O que dizem os outros evangelhos?
Foi esposa de Jesus?
Foi pecadora?
Foi a verdadeira fundadora do cristianismo?*



EDITORA
EIVÉ

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

JOSÉ LÁZARO BOBERG

O EVANGELHO DE
MARIA
MADALENA

A VERDADE E A LENDA SOBRE MARIA MADALENA:
UM RESGATE DA SUA HISTÓRIA.

*O que dizem os outros evangelhos?
Foi esposa de Jesus?
Foi pecadora?
Foi a verdadeira fundadora do cristianismo?*



Capivari-SP
- 2017 -

© 2017 José Lázaro Boberg

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – agosto/2017 – 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo

REVISÃO | Editora EME

Ficha catalográfica

Boberg, José Lázaro, 1942-

O *Evangelho de Maria Madalena* / José Lázaro Boberg -

1ª ed. agosto 2017 - Capivari-SP: Editora EME.

240 p.

ISBN 978-85-9544-011-1

1. O *Evangelho de Maria Madalena*. 2. História da Bíblia. 3. Evangelhos gnósticos x canônicos. 4. Pesquisas científicas sobre os primórdios do cristianismo.

I. TÍTULO.

CDD 133.9

SUMÁRIO



Introdução	7
Prefácio	17
Primeira Parte	
O QUE DIZEM SOBRE ELA OS OUTROS EVANGELHOS?.....	21
1. O início do cristianismo.....	23
2. Os cátaros	29
3. O espiritismo é gnóstico?	35
4. A biblioteca de Nag Hammadi.....	39
5. A origem do nome de Maria Madalena	43
6. Maria Madalena nas fontes mais antigas.....	47
7. Várias “Marias” do Novo Testamento	57
8. Quando começou a confusão?.....	67
9. Que tinha Jesus de “especial” que atraía as mulheres?	75
10. Sua mensagem apocalíptica atraía os marginalizados ..	83
11. Maria Madalena nos evangelhos gnósticos.....	91
12. Por que só quatro evangelhos?.....	121
13. Afinal, Maria Madalena foi ou não, esposa de Jesus?..	127
14. Para onde foi Maria Madalena após a ressurreição de Jesus?.....	145
15. Revisão da doutrina oficial da igreja católica.....	151

16. Se não foi pecadora, como ficam agora os escritos mediúnicos sobre ela?	155
---	-----

Segunda Parte

<i>O EVANGELHO DE MARIA – MIRYAM DE MÁGDALA</i>	171
1. A descoberta do <i>Evangelho de Maria</i>	173
2. Estrutura do evangelho	177
Apêndice 1	231
Apêndice 2	243
Referências bibliográficas	249

INTRODUÇÃO



ESCREVER SOBRE A HISTÓRIA de Maria Madalena – adverte Helenas Barbas, logo na primeira frase da Introdução de *Madalena – história e mito* (p.11) “é escrever que, primeiro de tudo é preciso esclarecer que a Verdade sobre Maria Madalena é que não há Verdade nenhuma”.

Confesso que, quando iniciei as pesquisas sobre ela, a minha visão era **uma**, depois dos estudos, é **outra**. Estava preso ainda à imagem que se propagara pela poeira dos tempos, a de que ela era uma “pecadora”, ou, para ser mais claro, “uma prostituta da qual Jesus tirara sete demônios”. Pensava, como a grande maioria, na figura de uma mulher charmosa, de longos cabelos, atormentada por seus pecados e que, de algum modo, representa a imagem penitencial da Igreja. Nos quadros e obras de arte, ela sempre aparece com roupas provocantes, um manto vermelho, cabelos soltos, ajoelhada junto à cruz ou atirada devotamente aos pés de Jesus. Essa é a figura

que tinha dela, mais por força do que se fala dela, do que o que ela realmente foi.

Nessa busca, no entanto, não encontrei nenhum episódio que confirmasse a presença de Maria Madalena como prostituta. Desafio também o leitor a fazer o mesmo. De onde, então, teria surgido essa história? Quem era, de fato, Maria Madalena? A ligação errônea das passagens evangélicas que falam dela levou a identificá-la com a pecadora (prostituta?) que ungiu os pés de Jesus (Lc. 7:36-50). E esse erro, infelizmente, virou verdade de fé. O inconsciente coletivo guardou na memória a figura de Maria Madalena como mito de pecadora redimida, fato considerado normal nas sociedades patriarcais antigas. A mulher era identificada com o sexo e ocasião de pecado por excelência.

Quando me tornei espírita, parti para investigação, através das comunicações mediúnicas, mas, para minha decepção, não encontrei outra informação, senão aquela que os livros bíblicos já registravam sobre ela. Assim, se buscarmos a literatura mediúnica, vários espíritos se referem a ela, através de médiuns confiáveis, porém, na mesma linha de pensamento, que registram os evangelhos oficiais da Igreja, os canônicos (Marcos, Mateus, Lucas e João), como a “prostituta que foi curada por Jesus”.

Com os Evangelhos apócrifos encontrados em 1945, em Nag Hammadi no Egito, inclusive o próprio *Evangelho de Maria Madalena*, também considerado apócrifo, surgem os primeiros sinais de sua importância, relegada pela Igreja, a ponto de chamá-la de meretriz, de pecadora da qual saíram sete demônios (espíritos). Essa

descoberta extraordinária pôde nos fornecer “pistas” mais concretas sobre Maria Madalena histórica e não apenas ilações.

Atente-se, todavia, que até então, não tinham ainda sido descobertos *Os Evangelhos gnósticos*. Curiosamente, o primeiro a ser descoberto foi *O Evangelho de Maria – Miryam de Mágdala* – em 1896, porém, só publicado em 1955, por motivos que exporei, ao tratar, especificamente, sobre esse documento, na segunda parte deste livro. Os demais gnósticos, entre eles, *O Evangelho de Tomé*, de Filipe, *Pistis Sophia*, foram encontrados, em Nag Hammadi no Egito, por volta de 1945. Por conta disso, a única fonte de informação, tomada como referência, sobre Maria Madalena era a dos Evangelhos canônicos, únicos considerados “verdadeiros” pela Igreja católica.

Estes Evangelhos *gnósticos* foram tachados de *apócrifos* (falsos). Seus defensores foram considerados heréticos pela Igreja e, portanto, deveriam ser perseguidos até a morte. Então, todo documento que falava sobre Maria Madalena – que era *gnóstica* – foi literalmente enterrado. Abordarei com anotações importantes o assunto no capítulo 2, quando comentarei sobre os cátaros, que eram gnósticos, e a perseguição sofrida por eles pela Igreja católica.

Quero deixar bem claro que sempre tive interesse em conhecer a verdadeira história de Maria Madalena. Ao começar o estudo sobre a doutrina espírita, confesso ter ficado profundamente emocionado, quando me deparei com a mensagem de Emmanuel, por meio de Francisco Cândido Xavier, no livro *Caminho, verdade e vida*, cap. 92:

Dentre os vultos da Boa-Nova, ninguém **fez tanta violência a si mesmo**, para seguir o Salvador, como a inesquecível obsidiada de Magdala.

Nem mesmo Paulo de Tarso faria tanto, mais tarde, porque a consciência do apóstolo dos gentios era apaixonada **pela Lei**, mas não pelos **vícios**. Madalena, porém, conheceu **o fundo amargo dos hábitos difíceis de serem extirpados**, amolecera-se ao contato de entidades perversas, **permanecia “morta” nas sensações que operam a paralisia da alma**; entretanto, bastou o encontro com o Cristo para abandonar tudo e seguir-lhe os passos, fiel até o fim, nos atos de negação de si própria e na firme resolução de tomar a cruz que lhe competia no calvário redentor de sua existência angustiosa. (Os grifos são nossos).

Embora a mensagem de Emmanuel fosse calcada na única informação que se tinha, de que ela era “pecadora”, hoje, pelas descobertas de *Os Evangelhos gnósticos*, não se tem qualquer comprovação de ter sido ela uma meretriz; era, pois, o conceito que eu também tinha dela. A mensagem me levava a admirar a luta de Madalena para “abandonar os hábitos difíceis de serem extirpados”, na avaliação de Emmanuel.

Assinale-se que ela é a única mulher a ter um “evangelho” com seu nome. Antes da descoberta do Evangelho que leva o seu nome, bem como dos outros gnósticos da biblioteca de Nag Hammadi expurgados pela Igreja, ela trazia apenas a “marca” dos Evangelhos canônicos, formatados pela Igreja. Algo me dizia que ela não era a

mulher pintada na religião oficial. Por conta desse impulso, parti para este trabalho de pesquisa. Para minha felicidade, não foi em vão.

Busquei, então, garimpar tudo que falasse dela em *Os Evangelhos gnósticos*, até então, tidos como “apócrifos”, pela ótica da Igreja, onde encontrei outra versão sobre ela, totalmente oposta ao que conhecia. Algo me impulsionava a “resgatar” a figura de Maria Madalena, colocando-a no seu devido lugar: a da mulher mais importante do cristianismo. Com a análise desses Evangelhos, surgem os primeiros sinais de sua importância, relegada pela Igreja, a ponto de chamá-la de meretriz, de pecadora da qual *sáíram sete demônios*. Várias pistas foram surgindo sobre essa extraordinária mulher, como fato histórico e, não apenas, por ilações criadas pelo imaginário popular.

Com este pensamento – conforme já reportado – a literatura mediúnica, no geral, também se inspirou nessa única fonte de informação: os *Evangelhos canônicos*. Nesses documentos oficiais da Igreja, ela é retratada, nos comentários, tanto pelos seus líderes religiosos, como também pela população, como a mulher de vida desregrada, que fora curada por Jesus e se lhe tornara a sua mais importante discípula. Sobre este tema, reservei um capítulo todo, no final da primeira parte desta obra, com várias comunicações mediúnicas, para que o leitor possa “refletir” e extrair as suas próprias conclusões.

Maria de *Magdala*, ou Maria Madalena, é a figura feminina mais citada no Novo Testamento, ainda mais que Maria, a mãe de Jesus. O que não se sabia antes, prin-

principalmente pela população, é que existia até um *Evangelho de Maria*, redigido no século II d.C. É importante informar, inicialmente, que, assim como os Evangelhos canônicos, pela ordem de surgimento, Marcos, Mateus, Lucas e João, são apenas “atribuídos”, mas não “escritos” por eles, igualmente, ninguém sabe quem escreveu o *Evangelho de Maria Madalena*. Assim entendendo, é que MACK assinala que “todos os escritos primitivos podem ser vistos como compêndios da história social de um grupo. Cada texto, então, pode ser estudado como expressão do pensamento e dos discursos particulares de um determinado grupo existente naquele tempo”.¹ É com este intento que, já há alguns anos, vêm sendo feitos estudos e pesquisas para conhecer a verdadeira história de Madalena. Nesse trabalho, está sendo resgatado também o inconsciente do cristianismo, fragmentos de uma memória recalcada pelos primeiros patriarcas da Igreja.

Desde cedo, ela – como todas as mulheres judaicas – é discriminada pelo machismo judaico, em que se lê que as mulheres que andavam com Jesus “havia sido curadas de espíritos malignos e doenças” (Lc 8:1-3). E os homens, por que seguiam Jesus? Foram também curados? Por que essa discriminação de que as mulheres, que seguiam Jesus, o faziam por terem sido curadas de espíritos malignos? Você não acha isso esquisito? De figura mais importante do início do cristianismo, ela é reduzida à condição de pecadora penitente. Conforme veremos, quando o assunto for tratado, as mulheres eram

1 MACK, Burton L. *O Evangelho perdido – O livro de Q e as origens cristãs*, p. 17.

atraídas por Jesus, não porque foram curadas de espíritos malignos, mas sim, por sua mensagem consoladora e de esperança.

Você vai saber sobre um sermão do papa Gregório Magno, proferido em Roma, no final do século VI d.C., que identifica Maria Madalena com a mulher anônima do Evangelho de Lucas (7:36-50), a pecadora pública, a meretriz. Irei demonstrar que a exegese papal é falsa. Com suporte num sermão do próprio papa, a criatividade humana encarregou-se de deflagrar as mais destrutivas imagens sobre ela. Então, se você perguntar hoje na rua: Quem é Maria Madalena? É provável que, de cada dez pessoas, nove dirão: Não é ela a prostituta do Evangelho, da qual *Jesus tirara sete demônios*? Já fiz essa pergunta onde proferi palestra. Por desinformação, a resposta é a mesma da população. Assim, para reconstruir-lhe a imagem, o primeiro passo a fixar, é o que esta mulher *não foi*. Nesses estudos, você irá se surpreender com sua história!

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizei-me de vídeos, documentários pela *internet*, pesquisas em várias obras que se referem a ela. Obviamente, que diante de inúmeras pesquisas, acrescentei interpretações pessoais. Primeiro, assisti o Documentário do *Discovery Channel* – à disposição do leitor no *youtube* –, mostrando o ponto de vista e as provas arqueológicas dos maiores teólogos, estudiosos, peritos e PhDs que existem na atualidade. Neste documentário, eles abordam tema de muitas controvérsias e poucas certezas, sobre Jesus e Maria Madalena, indagando ser ela a mãe do cristianismo, e

mostrando a relação próxima, íntima e privilegiada com Jesus. Seria verdade que ela foi companheira íntima de Jesus? Que eles mantiveram relações sexuais? Que tiveram filhos? Seria verdade que ela foi uma prostituta e arrependeu-se depois de ter contato com a mensagem de Jesus? Que quase foi apedrejada por suas atividades sexuais ilícitas? Essas e muitas informações são abordadas pelos PhDs, nesta pesquisa.

Dentre esses historiadores, todos PhDs, destacamos Bart D. EHRMAN – um dos maiores especialistas em estudos bíblicos e origens do cristianismo – Chefe do Departamento de Estudos Religiosos da *University of North Carolina*; Chapel Hill, autor de várias obras, entre elas, o livro *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, obra que me serviu de roteiro no desenvolvimento deste trabalho; Elaine PAGEL, titular da cátedra de religião Harrington Spear Paine, na Universidade de Princeton, uma das mais respeitadas estudiosas do início do cristianismo. É autora, entre outras obras, de *Os Evangelhos gnósticos*; Juan ARIAS, da Universidade de Roma, também autor de várias obras, entre elas, *Maria Madalena – o último tabu do cristianismo*. Outros autores, de igual porte, com suas titulações, são citados no rodapé, no decorrer da obra.

Para melhor didática, dividi o estudo sobre o *Evangelho de Maria*, em duas partes: **O que dizem sobre ela os outros Evangelhos?** E o estudo de *O Evangelho de Maria – Miryam de Mágdala*, propriamente dito.

Na primeira parte, o objetivo é trazer à reflexão o que os Evangelhos canônicos, incluindo aí os gnósticos, escrevem sobre ela. Para esse fim, dividi o estudo em

15 capítulos, conforme relacionados no sumário desta obra.

Na segunda parte, comentei o Evangelho de Maria Madalena, trazendo, inicialmente a história sobre a publicação dessa obra que, embora descoberta em 1896, só veio a lume em 1955. Em seguida – veja também o sumário, em sua 2.^a parte – analisei a estrutura do documento que, para efeito didático, está dividido em subdivisões iguais.

Na primeira subdivisão, a “despedida de Jesus”, quando o tema central é a preocupação dos discípulos com dois assuntos: “a natureza” deste mundo e “o pecado”.

Na segunda subdivisão, o assunto é sobre a “Revelação a Maria Madalena”.

Na terceira subdivisão, é tratada da “Reação masculina à revelação de Maria Madalena”.

Vamos, então, viajar juntos para desvendar a história desta extraordinária mulher!

PREFÁCIO



A FIGURA DE MARIA de Magdala, talvez o mais forte exemplo de conversão narrado nos Evangelhos, sempre me fascinou, não obstante me sentisse um tanto incomodada com algumas citações, referências e tradições em torno do seu nome. Ademais, nunca fez muito sentido, para mim, o fato de Jesus ter aparecido para Maria antes mesmo que para sua mãe ou algum dos seus discípulos. Mas é assim que narraram os evangelistas Matheus, Marcos, Lucas.

A publicação de *O Evangelho de Maria*, em 1955, escrito originariamente em grego, lançou novas luzes sobre a personagem. O texto, agnóstico, veio a lume a partir de dois fragmentos encontrados em Nag Hammadi, no Egito, em 1896, quando o pesquisador alemão Dr. Carl Rheinhardt adquiriu, na cidade do Cairo, um conjunto de textos hoje conhecidos como Codex Gnóstico de Berlim ou Codex Akhmim. Nesses textos, publicados quase sessenta anos após sua descoberta, Maria Madalena é tida como discípula de Jesus.

Corroborando a tese, vimos recentemente um documentário do *Discovery Channel* no qual Madalena aparece entre os discípulos. Nele, são mostradas provas arqueológicas dos maiores teólogos, estudiosos, peritos e Ph.D's da atualidade, como Bart D. Ehrman, um dos maiores especialistas em estudos bíblicos e origens do Cristianismo, e Harrington Spear Paine, titular da cátedra de Religião na Universidade de Princeton (New Jersey, Estados Unidos).

A mim, o perfil aí apresentado está mais coerente do que o de simples pecadora sem conhecimentos das coisas espirituais. É esse perfil, de discípula, capaz de compreender os altos ensinamentos do Cristo, que o leitor verá neste livro do paranaense José Lazaro Boberg. O autor, no entanto, foi ainda mais fundo e fez constar também os trabalhos de Elaine Pagel, autora de *Os Evangelhos Gnósticos*, e outros pesquisadores que compõem a rica bibliografia citada. O recurso das notas de rodapé, a meu ver, foi muito bem empregado pelo autor, o que enriquece a pesquisa e facilita a compreensão do leitor acerca dos textos agnósticos encontrados em Nag Hammadi.

Madalena, segundo os estudiosos, era a discípula que mais compreendia os ensinamentos profundos de Jesus, como se vê na obra gnóstica *Pistis Sophia*, escrita provavelmente no século III, da qual Boberg transcreve esse trecho: "Tu és abençoada mais do que todas as mulheres na Terra, porque serás a plenitude de todas as plenitudes e a perfeição de todas as perfeições."

Nos documentos gnósticos, considerados apócrifos,

o autor afirma não ter encontrado indício ou informação de que Madalena tivesse sido uma cortesã, uma meretriz. As referências feitas descrevem Maria como a discípula que melhor compreendia o Mestre. As pesquisas dos documentos referidos sugerem, ainda, que Jesus pudesse ter-se casado e tido filhos com Madalena.

À luz do Espiritismo, temos informação de que Madalena tinha vidências e percepções mediúnicas, faculdades que, segundo o saudoso Hermínio Miranda no seu livro *O Evangelho Gnóstico de Thomé*, eram ainda mais notáveis que as do próprio Pedro. Daí se compreende por que Jesus se fez ver a Madalena quando da primeira aparição, pedindo-lhe não o tocasse, visto não encontrar-se tangível. -

De outro lado, no livro *Boa Nova*, psicografado pelo médium Chico Xavier, Humberto de Campos dedica um capítulo inteiro a Maria de Magdala. Nele, o autor espiritual narra que ela vivia entregue aos prazeres em companhia de patricios romanos; era uma mulher que havia abandonado o lar para entregar-se a uma vida de aventuras.

Boberg identificou diversas outras mensagens psicografadas por Chico Xavier, como as encontradas em *Palavras da Vida Eterna*, *Religião dos Espíritos* e *Caminho, Verdade e Vida*, de Emmanuel, que classificam Madalena como “mulher tresmalhada na obsessão, dominada por sete gênios sombrios”. Mas que, após conhecer Jesus, passou a cultivar a pureza e tornou-se símbolo da vitória da razão sobre a paixão. Na atualidade, a Igreja Católica mostra Madalena como uma mulher forte e corajosa.

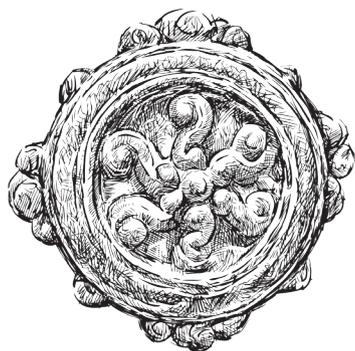
O autor, judiciosamente, traz as suas pesquisas e deixa ao leitor o direito de analisar e concluir por si.

Boberg é também autor, entre outros, de *O Evangelho de Tomé* e *O Evangelho de Judas*, uma análise da passagem de Jesus, seus ensinamentos sob a visão desses dois Evangelhos considerados apócrifos e, por isso mesmo, rejeitados pela Igreja. É também consagrado autor de mais de uma dezena de obras publicadas sempre trazendo informações, pesquisas e o caráter reflexivo. Escreve numa linguagem clara, com a maestria de um grande escritor e pesquisador.

São Paulo, julho de 2017.

Julia Nezu Oliveira

Presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e Diretora fundadora do Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro (CCDPE-ECM).



PRIMEIRA PARTE

O QUE DIZEM SOBRE ELA
OS OUTROS EVANGELHOS?

1

O INÍCIO DO CRISTIANISMO



JÁ REPORTEI ESTE ASSUNTO em dois de meus livros, *O Evangelho de Tomé* e *O Evangelho de Judas*, mas, a título de suporte didático ao objetivo desta obra, não posso, deixar de trazer à reflexão, mesmo que *en passant*, o que ocorreu no início do cristianismo. Muitos pensam que, no início, o cristianismo se constituiu de um único bloco ortodoxo e monolítico, onde reinava a plena fraternidade. E, por conta disso, defendem uma volta às suas origens.

“Segundo a lenda cristã, a antiga igreja era diferente. Cristãos de todos os credos buscam encontrar nos primórdios da Igreja uma forma de fé cristã mais simples e pura. Na época dos apóstolos, todos os membros da comunidade cristã compartilhavam dinheiro e propriedade; todos acreditavam no mesmo ensinamento, todos rezavam juntos; todos reverenciavam a autoridade dos apóstolos. Apenas

depois desses anos dourados foi que o conflito, a heresia, surgiu; é o que diz Lucas, autor de *Atos dos Apóstolos*, que identifica a si mesmo como o primeiro historiador do cristianismo”².

No entanto, a descoberta dos livros gnósticos em Nag Hammadi modificou esse cenário: a verdade é outra! Várias correntes do pensamento cristão se digladiavam, cada uma tentando impor sua interpretação sobre Jesus. Entre elas, cito os ebionistas, os marcionitas, os gnósticos e ortodoxos.³ Como irei abordar *O Evangelho de Maria Madalena* – também gnóstico – entendo que é de bom alvitre que tomemos ciência de como essa corrente cristã se revelou, de como causou impacto à corrente ortodoxa, sendo seus membros perseguidos e milhares deles assassinados.

Neste sentido, quem conhece a história do cristianismo sabe que, na realidade, não se constituiu ele num verdadeiro mar de rosas, tudo calmo e harmonioso. Essas correntes do pensamento sobre Jesus circulavam com um antagonismo fratricida. Quando se fala em voltar às bases cristãs, como paradigma de paz e harmonia, é engano total. É um retrocesso! ⁴ Elaine Pagel chega a admitir nos bastidores uma luta pelo poder, já que a corrente cristã dos gnósticos desafiava a autoridade dos bispos e contestavam aspectos doutrinários sobre os quais a Igreja estava assentada.

2. PAGEL, Elaine. *Os Evangelhos gnósticos* – introdução, p. xxiv,

3. Ler mais sobre estas correntes no livro, *O Evangelho de Tomé – o elo perdido*.

4. BOBERG, José Lázaro. *Milagre – fato natural ou sobrenatural?* p. 22.

“Ao lastimar a diversidade dos primeiros movimentos, o bispo Irineu e seus seguidores insistiram em que só poderia haver uma única igreja e fora dela, declarou, não há salvação. Apenas membros dessa igreja são cristãos ortodoxos (literalmente, ‘pensamento correto’). E afirmou, ainda: essa igreja deve ser *católica* – ou seja, universal. Quem quer que desafiasse essa doutrina era considerado herege e expulso”.⁵

Os cristãos ortodoxos insistiram em que a Humanidade precisava encontrar uma maneira além de seu próprio poder – uma via divina – para aproximar-se de Deus. E isso, diziam, a Igreja católica oferecia àqueles que estariam perdidos, sem a presença de Deus: “Fora da Igreja católica não há salvação”. Os gnósticos, ao contrário, não aceitavam isso, colocando tudo a partir do potencial que cada um traz em si, quando, então se descobre a verdade. A salvação não está fora, mas dentro de si mesmo.

É nessa linha de pensamento que:

“os gnósticos proclamavam, desde os seus princípios, uma teologia baseada na busca de Deus dentro da consciência pessoal e não tanto como elemento exterior ao homem; defendiam a religião com menos leis e mandamentos, uma religião talvez menos política e mais interiorizada espiritualmente, mais centrada na busca da sabedoria que na luta contra o pecado”.⁶

5. Idem, PAIGEL, pp. xxi-xxvi.

6. ARIAS, Juan. Madalena o último tabu do cristianismo, p. 60.

O espiritismo que, na essência, segue a linha gnóstica e não acata o pensamento exclusivista de que “Fora da Igreja não existe salvação”, substituindo-o por “Fora da caridade não há salvação”, pondera:

Enquanto a máxima: Fora da caridade não há salvação, apoia-se num princípio universal, abrindo a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema, o dogma: Fora da Igreja não há salvação apoia-se, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, mas na fé especial em dogmas particulares. É, portanto, exclusivista e absoluto. Em vez de unir os filhos de Deus, divide-os. Em vez de incitá-los ao amor fraterno, mantém e acaba por legitimar a animosidade entre os sectários dos diversos cultos, que se consideram reciprocamente malditos na eternidade, sejam embora parentes ou amigos neste mundo; e desconhecendo a grande lei de igualdade perante o túmulo, separa-os também no campo-santo. A máxima: Fora da caridade não há salvação é a consequência do princípio de igualdade perante Deus e da liberdade de consciência.⁷

Esse é o panorama desafiador às correntes cristãs contrárias ao pensamento cristão ortodoxo, o que gerou uma luta fratricida, principalmente quando os ortodoxos, comandados pela Igreja Católica, obtiveram su-

7. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XV, item 8.

porte militar, pois, depois de o Imperador Constantino tornar-se cristão no século IV, a perseguição aumentou na caça aos “hereges”. Daí para frente, o comando estava livre à Igreja que liderou, a “ferro e fogo”, sua hegemonia durante muito tempo. Os dissidentes cristãos da linha ortodoxa foram proibidos de divulgar suas doutrinas. Assim, os gnósticos foram obrigados a queimar seus manuscritos, Informa a historiadora Elaine Pagel:

“A posse dos livros denunciados como heréticos tornou-se ofensa criminal, e cópias desses manuscritos foram queimadas e destruídas. Mas no Alto Egito alguém, talvez um monge do mosteiro de São Pacônio, apanhou os livros proibidos e escondeu-os - protegendo-os da destruição - no vaso em que permaneceram enterrados por quase 1.600 anos”.⁸

8. Idem, PAIGEL.

